

Fita 5 —> Rodo A

(...)

5 Quando José foi p'ra Maciós ele foi numa carona de um caminhão de uma revista que ia todo mês p'ra lá p'ra Alagoas. Aí o irmão dele arrumou através (...) de um conhecimento que tinha com o chefe desse caminhão. E o José foi como ajudante do carregador. Até que até o meio mais ou menos da viagem o homem tratou o José com a maior frieza. Que eles não se conheciam e o José era político. O José achou que ele estava com medo, também não fazia a barra em nada. Até p'ra tomar um cafuzinho ele não oferecia, também o José viajando seu dinheiro também não podia oferecer um café a ele. E quando foi no meio da viagem quebrou uma peça do caminhão e foi preciso soldar. (...) o homem soldou a peça lá quando 'tava soldando o homem 'tava admirado com aquela "olhando p'ra aquela tinta verde né?" Aquela luz verde da solda e o José falou com ele umas três vezes que ele não olhasse aquilo que ele ia (...) queimar a vista e não ser prejudicado. Falou várias vezes e ele não deu bola não. (...) Mas aí conservaram a peça, ele botou no caminhão e tal, foram embora. (...) com o segmento da viagem, quando chegou a noite ele (...) 'tava vendo que não podia dirigir o caminhão com dois olhos. Aí disse que parecia que tinha breia e o José disse: — Eu não disse ao senhor que não olhasse p'ra aquela luz que o senhor ia queimar a vista? Aquilo é solda elétrica. Aquilo queima a vista da gente. Eu avisei o senhor. Aí começaram a procurar p'ra ver se encontravam alguma tendinha, alguma barraca — p'ro meio do mundo tem muitos lugares que a gente passa e não tem nada — p'ra ver se achava ovo p'ra botar a clara do ovo na vista dele. Aí não achou. Achou uma barracinha lá, nem tinha ovo nem cozido nem cru nem coisa nenhuma. Nem uma água gelada. Mas o homem indicou que mais p'ra frente um pequenino tinha uma espécie de uma cachoeira, (...) uma bica que corria água dia e noite e que a água era fresca. —>

(2)

Fila 5 → Bado A

5 (cont.) Aí eles andaram mais um pouco, 'panharam um caneco, encharam de água e o José foi botar a água no rosto do homem, né"? Molhava uma toalha de rosto, uma ponta da toalha de rosto e botava em cima do rosto do homem, dos olhos. botando, botando, botando até que ele dormiu. Quando ele acordou umas horas depois ele já não 'tava sentindo aquela ardência nos olhos. Aí continuou a viagem. Daí em diante foi que o homem começou a conversar com o José. Aí já dava um cafézinho, já chamava, já conversava, já arrumou lugar p'ra ele dormir melhor no caminhão, que esses caminhões Mercedes tem um meio de armar cama dentro, não sei como é que é. Aí já arrumou um lugarzinho melhor. Que levou até ele racosa do pai dele, se não me engano, em bracoja. Lá eles tomaram banho, almoçaram. Depois, sei que eles ficaram amigos, ali naquela hora. Só que a gente não podia falar porque a gente não sabia com quem estava andando. Aí o José até que chegou, não queria de jeito nenhum que fosse direto na casa da irmã dele onde ele ia ficar. Mas o homem ficou: — Não, e tal...! É o José querendo despistar, mas não adiantou, o moço chegou lá mesmo. E disse: — Quando o senhor quiser ir p'ro Rio, pode me procurar que eu levo o senhor de bom gosto. Eu sei que aí ficaram colegas. Isso foi no meio do ano de... 64, no meio do ano mais ou menos. Não, foi no fim. Foi numa parte lá. Eu sei que eu fiquei p'ra vender o sítio. Vendi o sítio, fui p'ra lá. Cheguei lá no dia 30 de dezembro de 1964. Aí fui p'ra casa da minha cunhada. Lá fomos passar dificuldade, né"? Porque no Norte tudo é mais difícil do que aqui. (...) Eu levei uns trocadinhos, ele comprou lá uma barraca, arrumou um dinheiro emprestado com o cunhado, comprou uma barraca. —→

③

Fita 5 —> Lado A

J (cont) Mas era p'ra vender frutas.

M Você tinha coragem! Onde ele ia depois 'cê ia, né'?!?

J Hein?

M Onde ele ia depois depois que passava um tempo 'cê ia!

J 8. Tinha que ir 'né'!? Porque eu ficava p'ra trás porque tinha que resolver alguma coisa. Ele ia, deixava p'ra resolver, eu resolvia e ia embora depois, 'né'?!? Aí eu fui p'ra lá. Começamos a trabalhar, vender banana. (...) O pessoal lá naquele tempo, quando a banana ficava com a casca meio escura, não queria mais. Deu impulsionar que tinha gente que já esperava a banana ficar escura p'ra comprar dizendo que ia dar p'ra porco. E eu acho que era p'ra comer, p'ra fazer doce, sei lá p'ra que. O que eu sei é que não deu certo a tal de barraca. (...) Eu comeci a costurar novamente com a máquina emprestada da cunhada. As costuras baratíssimas, mas mesmo assim eu conseguia pagar algum dinheiro que se devia ao cunhado, devido a compra dessa barraca. Depois o José pediu novamente um dinheiro emprestado a ele p'ra comprar uma canoa. Aí nós fomos viver, ele pescando eu costurando. (...) Depois ele achou que 'tava ruim porque não tinha um trabalho político p'ra ele fazer, que ele era maluco por política. Aí resultado, arranjou com alguém do partido de Nacão uma transferência p'ra Recife. Aí isso já foi em 1969. Nós fomos p'ra Recife. Eu passei nesse ano até em dezembro de 68 eu passei o mês todo inteiro, 31 dias, trabalhando dia e noite, sem dormir 2 minutos. (...) Porque eu sou mole na costura e tinha que dar costura p'ras Festas, 'né'?!? E o jeito que eu achei fosse. O resultado é que quando eu fui lá (...) nas primeiras semanas de 69, José foi em Recife, depois voltou, disse: — Olha, agora a gente vai passar o Carnaval em Recife. Tem lá a casa de um colega e tal. Já tem um colega lá. Aí quando foi a semana (...) do Carnaval fui passar em Recife, depois voltei. Mas quando eu voltei ele já disse: — Olha, eu vou lá lhe buscar. Você tem que dar conta ...

(4)

Fila 5 → Lado A.

J (cont) Eu tinha que dar ainda uma conta d'uma colcha pintada, com uma tal pintura que eu tinha aprendido aqui com a minha cunhada. Aí a pronteí a colcha botando no sol, que não se bota. P'ra secar rápido eu tive que botar no sol. A pronteí a colcha, deixei lá e quando ele foi lá, foi p'ra me trazer p'ra Recife. Aí nós fomos p'ra Recife, chegamos em 69. No mês de... me parece que foi março de 69. Chegamos lá, aí ele começou a procurar um e outro "né"? Por indicações de um procurar outro. Por indicações achou lá uns dois companheiros do partido, uns dois ou três companheiros de partido. Inclusive um que tinha sido daqui do Rio, que nós conhecíamos aqui no Rio que estava lá em Recife. Aí que ele descobriu ele, e tal. Eu sei que aí ele começou novamente com o trabalho político. Só que aí ele foi começou com (...) uma campanha política. Isso foi foi em 72...

M Jarbas.

J De Jarbas Vasconcelos. Aí foi que a gente começou a fazer o trabalho de campo. Aí a gente aproveitava p'ra fazer a campanha no campo, p'ra descobrir quem a gente podia ganhar p'ro Partido Comunista e p'ra saber a situação dos trabalhadores rurais, "né"? Os contadores da conta. Aí a gente começava a procurar conhecimentos nos sindicatos, nas diretorias dos sindicatos. Qual as pessoas melhores da diretoria do sindicato p'ra começar a se conversar. Sei que foi um trabalho muito árduo, muito difícil. Eu ia junto com ele porque lá tem o negócio de homem não entra em casa que a mulher 'tá sozinho. Lá tinha esse negócio, não sei se... deve ter ainda, que aquele lugar é muito atrasado, o morak é muito atrasado ainda. Quando se vai se fazer uma visita, o dono da casa não está, o cara vai embora porque o homem não 'tá, não pode ficar lá.

(5)

Fila 5 —> Bado A

J (cont) Então eu ia com ele, porque no caso do dono da casa não estar, eu estava ali p'ra ficar conversando, p'ra gente esperar o cara, eu tava ali conversando com a mulher, né?! Assim foi que a gente descobriu algumas pessoas de direção sindicais p'ra gente saber qual era a situação da vida dos comarcãos. E aí a gente também ficou conhecendo muitas usinas, né?! Tinham umas usinas horroresas. Os donos das usinas eram uma praga, tratavam mal p'ra chucha os trabalhadores ruins. (...) Eles trabalhavam feito escravos não podiam atender a gente. Os dirigentes sindicais tinham que ter cuidado p'ra conversar com a gente. (...) Nós conhecemos várias pessoas, não é?! que sofriam... Tinha gente que tinha tanto medo, gente mesmo que se dizia de partido, que tinha tanto medo que quando a gente ia fazer ligações com ele, aí geralmente, às vezes eu ia. Quando chegava lá, aí eu ou ele... eu me lembro porque eu tinha ainda essa carteira de identidade até hoje eu tenho, meu marido não tem porque a polícia não devolveu depois que ele foi preso, teve que tirar todos os documentos novamente... mas quando ele via uma pessoa com a carteira vermelha, nunca mais ele voltava p'ra falar com aquele companheiro que achava que ele era da polícia porque tava com a carteira vermelha. A gente encontrou gente assim. Tanto é que quando foi... nós fizemos a campanha em 1972 pelo campo. Juntas Vascenculos ganhou né?! E aí quando foi... passou 72...

M Pelo PMDB?

J Pelo PMDB. 72, 73, quando foi em fevereiro, começo de fevereiro de 73, me conta que foi isso, a gente foi preso.

M Vocês dois?

J Nós dois.

M Onde?

J Em Recife. Nós fomos presos, ele foi preso...

M Mas onde foi, no campo ou na cidade?

J Eu estava num alojamento, muito esquisito que tinha um loteamento novo, mas era novo e meio camuflado, sei lá.

6

Fita 5 — lado A

J (cont) (...) Alguém do partido comprou aquele terreno, disse que a gente comprasse o terreno no nosso nome, pagasse no nosso nome, fizesse a carta no nosso nome, tudo como fosse nosso, enquanto a gente morasse lá tudo bem. Só que quando a gente soube de lá tinha que vender o terreno e entregar ... e vender o que tinha, né? e entregar o dinheiro a eles. Ai 'tá cuto, aí a gente aceitou. (...) Nós já estávamos no setor de urbanos, setor de urbanos. Mas o marido continuava no campo. A gente 'panhava o carro de manilha e danava no mundo (...) porque o PMDB deu o carro para a campanha, que era um fipe. Ai a gente, nesse fipe a gente fazia campanha. Então a gente saía 5 horas, 6 da manilha e picava o burro p'los usinas, p'los sindicatos p'ra fazer o trabalho. (...) Quando passou a campanha o farbas ganhou. Quando foi eu e a gente foi preso. Quando nós fomos presos, ele foi preso numa granja que tinha lá que dizem que era do Gregório Bezerra mas sei se era mesmo. Tinha gente que chamava aquilo de elefante branco porque aquela granja já tinha sido visada muitas vezes. Eu sei que ele foi preso lá e eu fui presa dentro da minha casa, dentro de casa. Eu fui presa e nem sabia que ele tinha ido preso. Só fui saber quando cheguei lá, que eles me botaram em frente a ele, na cela em frente a ele.

M Eles disseram porque que vocês 'tavam sendo presos?

J Bem, (...) eles prenderam a gente como comunista, prenderam como comunista. Então, eles bateram muito no José. José levou 27 surras. Passamos 27 dias incomunicáveis.

M E aí você eles não bateram não?

J Em mim eles fizeram mais queira de nervos. Deram-me alguns socos na barriga na hora que eles me prenderam.

→

②

Fita 5 — lado A

J (cont) quando foram me levar. Eu voltei e disse a eles que tinha deixado o dinheiro das crianças p'ra fazer a feira. Que era justamente R\$ 100 que tinha p'ra fazer a feira. E eles voltaram comigo 'parliaram. Tinha 135, só que os 35 'taram na mão. E eu 'tava com uma garotinha, pareci que minha neto com pareci que 2 meses; a facilleu. E eu 'tava p'ra fazer a comida da facilleu. Fiz a comida com aquele nervoso danado com aquela polícia em cima de mim. Dei a criança, o vintinho 'tava quente, voltei. Um inferno, o maior inferno. E aí eu gostei da...

M Não 'teve alguém p'ra ajudar?

J Tive. Olha só! Os vizinhos eram muito queridos da gente, gostavam muito da gente. E eles duam a colaboração seguinte: Quando eles viram chegar o carro da polícia eles notaram... Quer dizer, depois foi que eu soube disso. Que eles notaram que tinha uma pessoa amarrada dentro do carro, que era me parece o mecânico de onde a gente tinha deixado o carro que já não era mais fiável, era uma Rural. Aí, eles (...) pegaram o mecânico, amarraram ali p'ra ele dizer onde que a gente morava. E ele veio e certamente apontar abonde que a gente morava. Eu não sei se foi isso "né"? Porque o carro já tinha ido lá até de manhã, eu não sabia que era da polícia. Ele 'teve lá em casa de manhã procurando um fulano que morava lá do lado. Aí quando eles (...) me "pegou" ... os caras quando veio que certamente viu o carro amarrado, não sei, veio ver se era o José que tinha acontecido alguma coisa que ele já tinha tido enfarto uma vez. Aí veio perguntar: — Cadê o seu...? Naquele tempo chamava de Sérgio, o nome de guerra lá era Sérgio. — Seu Sérgio 'ta doente, não sei o quê? — Aqui não tem ninguém doente não. A gente 'ta aqui procurando um roubo. Aí eu cheguei e disse: →

⑧

Fita 5 → Lado A

3 (cont). Não, não é por causa de roubo não. Eles 'tão dizendo que a gente é comunista. É por isso que eles 'tão aqui. Se eles me deram um tapas na cara. Me deram um tapas na cara eu também não fiz nada. Se eles pegaram os colegas, se mandaram foram fazer um jogo de futebol na entrada, que era onde ia entrar o Cosme, meu filho que tinha saído e eles queriam pegar ele. Ele não era de nada, mas como ele 'tava numa fábrica que era até uma fábrica de rádio ABC. Que tinha lá alguém justamente desses doidos de PT, igual o doido de PT, que eu não sei qual era os partidos deles. Devia ser... Se fosse partido comunista era daquele lado radical. Que 'tavam fazendo confusão lá dentro da fábrica, eles botaram p'ra Cosme, quer dizer a polícia botou p'ra Cosme, que devia ser o Cosme que 'tava fazendo aquilo. E já tinha gente presa lá dentro, presos políticos. Eu sei que procuraram meu filho, igual a quem procura aquela também. Mas com os vizinhos a gente sempre fazia bem aos outros, e os vizinhos gostavam muito da gente. Se fizeram um time de futebol na última hora, foram jogar na beira da entrada do loteamento p'ra não deixar o Cosme entrar e não deixaram o Cosme entrar. Eu sei que dali eu não vi e não soube mais de ninguém durante 35 dias. Os 27 dias foram incommunicáveis, meu marido levou 27 surras, uma por dia. Eles quando iam dar surra nele passaram com ele na minha frente algemado e com uma venda nos olhos. P'ra ele dizer nome de comunista e ele não sabia. Disse que não sabia nome de comunista nenhum. Disse até que eles quisessem matar ele podiam matar

9

Fita 5 → Bado A

J (cont) porque ele não sabia do nome de ninguém. E foi assim a época que a gente passou lá. Eu passei 32 dias...

M O Fabas já tinha sido eleito?

J Já. Já 'tava na Câmara. Tanto é que quando José... a gente passou 27 dias, quando fez 27 dias saiu um companheiro com 26 dias que a gente estava lá que eu não sei de quanto que ele estava, mas com 26 dias que a gente 'tava lá saiu um companheiro. Aí o José deu um recado a ele, p'ra ele procurar o Fabas Vasconcelos na Assembleia lá em Recife, legislativa, e avisar a ele o que estava se passando lá, que era um recado que ele mandava, o José. (...) Aí ele mandou mas não deu, não deu a ele, disse ele não vai dizer nada. Isso depois a gente conversou, depois que a gente se soltou que ele contou. Que não 'tava com confiança, que o cara qualquer coisinha quando via os caras da polícia chorava que só a praça. Aí José viu, esse cara chorava não vai dar o recado nada nenhuma. Eu vou é malhar em ferro frio. Mas foi certo, deu certo. O cara chegou lá, quando foi no dia 27 em letras opacas nos jornais: Presos políticos torturados no DOI. Aí quando foi de manhã a gente notou um pouco de difeença, já no dia 27. Parece que ainda chegaram a dar uma surra nele, ainda chegaram a bater nele porque eles batiam de manhã. Bateram nele e tal, quando foi assim na parte da tarde perguntaram a ele se ele sabia fazer barba, se não sei o quê, fizeram essas perguntas bobas lá. Aí o José notou que tinha alguma coisa de diferente mas não sabia o quê: Aí depois foi que soube. Aí foi um fazer barba no outro, aqueles presos políticos todos, um fazia barba no outro, aquele que sabia...

M Eram muitos?

J Tinha um bocado. Olha eu não tenho lembranças de quantos eram nós. →

40

Fita 5 → lado A

J (cont). Nós tinha lembrança nas, que tinha...

M Mulheres?

J Tinha mulheres também. Tinha gente que eu nem conhecia também, políticos que eu não conhecia ainda. Tinha mulheres sim... até de...

M Na sua cela era só você?

J Era eu e mais duas. A mulher de um dos presos, chamava-se Osana mas ela 'tava com o nome de Maria, e o preso era o Camilo que 'tava com o nome de... esqueci do nome dele, como era na época, depois eu lembro. E tinha eu. (...) E tinha outra mulher que 'tava presa porque tinha alugado a casa a um comunista, porque tinha alugado a casa a um comunista foi presa. Quer dizer a gente tem que ficar perguntando quem é comunista e quem não era. Se não eles iam dizer que era comunista. (...) Ai um fez a barba no outro, outro no outro, outro no outro, quando foi de noite botaram o pessoal no carro e foram levar para a Direção Política Social. Foi (...) um bocado de cada vez. (...) Uma dessas mulheres que era a mulher de um que 'tava preso também, essa foi solta logo dali. Dali já mandaram ele embora, porque ela era... sei lá, muito fiaca, muito medrosa, uma casa muito ruim, tirava o ânimo da gente. Quer dizer não tirava o meu porque eu já 'tava de cabeça feita como diz o outro. Porque inclusive hoje eu não sei mais nada do que tinha mas eu já tinha lido um livro (...) que 'tava escrito assim: "se fores preso camarada..." eu não lembro mais o que que tinha no livro só me lembro que tinha um negócio que não aceitasse cigarro de polícia. Só me lembro dessa palavra, não me lembro mais nada.

(11)

Fita 5 → Lado

J (cont) Mas eram conselhos, que a gente não podia fazer isso, não podia fazer aquilo. Lentamente naquela época eu me lembrou de alguma coisa, hoje eu não lembro mais. E eu queria um pouco daquele negócio. Eu não conversava, eu não falava, só falava o necessário. As meninas, as outras duas, eu dava incentivo. Falava que não fizesse aquilo, não fizesse aquilo outro, cala boca, deixa isso pra lá, queria reclamar, não reclama que é pior. Tanto é que umas delas foram reclamar que o aquele plantonista que estava lá não deu água gelada na hora do almoço e nem deixou tomar banho de manhã. Eu falei com elas, nós vamos pagar isso, você falou isso, não era pra falar isso, finge que não sabe, deixa esse negócio de água gelada que isso a gente tá acostumada a tomar água gelada, isso é bobagem. Você tá falando isso, vai prejudicar todos nós aqui e não fui prejudicar mesmo porque quando (...) foi na próxima vez que foi o mesmo plantão ele mandou a gente tomar banho às 6 horas da manhã, café às 11 horas gelado com um pão ruim que só a praça, que já era ruim. E (...) o almoço foi sair pra todos os presos políticos, o almoço foi sair 4 horas da tarde aquela gordura talhada em cima, uma colher de feijão, sempre saía assim, uma colher de feijão, duas de arroz, uma de farinha e uma colherzinha de ensopado, qualquer troço de carne, aquilo com aquela gordura talhada (...). Ai eu disse: — Sabe o que foi isso? Foi graças a você, porque a queixa que você fez 'tá aí o troço. Eu não disse a você que a gente ia pagar. Você não reclama nada, deixa isso pra lá. Mas ela era tão medrosa que ela viu o homem botar lá um vidro de maionese grande com uma colher de sopa lá dentro. Na cabeça dela entrou que eles iam cortar as orelhas dos comunistas e botar naquele vidro.

(12)

Fita 5 - lado A

J (cont) Vê se isso tem cabimento? Auer dizer, era fraca desse jeito. Essa foi logo no 1º dia. Eu ainda passei pelo Escritório de Política Social, passei, fiquei muito ruim dos nervos porque eles me botavam dentro da Kombi de costas e rodaram, rodaram, rodaram, rodaram. Aquelas curvas fechadas, fechadas que nós tínhamos necessidade, era perigoso. Mas era p'ra dizer que 'tava longe. Sei que quando eu saí lá 'tava quase morta.

M Dos nervos?

J Dos nervos, nervo muito abalado. Passei duas noites sem dormir. Se uma dona dessas que 'tava presa falou com o policial que eu não 'tava dormindo, que eu 'tava muito nervosa, que eu não estava conseguindo nem me deitar. Se ele me deu um comprimido, dois comprimidos, um de cada vez, às duas noites. Se com 2 dias que eu estava na Ordem Política Social, essa também saiu, mas aí a filha dela soube que ela estava lá na ordem política, levou um vidro do remédio que era remédio calmante. Eu não tô lembrando agora o nome do remédio. Se ele me deu o comprimido. Quando ela saiu, pegou e deixou aquele vidro p'ra mim tomar aquele remédio. Tomava um por noite, né, p'ra poder dormir. Se (...) ela foi embora, a velha, também essa foi embora, (...) a que tinha alugado a casa aos comunistas, foi embora. Eles tinham achado uma máquina lá em casa, a máquina quebrada. Uma confusão danada, eles queriam que a gente dissesse que tinha aquele negócio que faz aqueles panfletos...

M Mimeógrafo.

J Mimeógrafo. Queriam que a gente dissesse que tinha trabalhado ali, a sorte que estava quebrado, graças a Deus. E foi isso.

13

Fita 5 → lado A

5 (cont) Eu sei que daí quando nós fomos p'ra Ordem Política Social (...). Com 5 dias que eu estava na Ordem Política Social, aí me soltaram também. Fui p'ra casa, quando cheguei nós encontrei ninguém. A minha casa fechada, fechada, só. Roubaram quase tudo que tinha dentro, né? Uma das vizinhas 'panhou pensando... que eles pensavam que tinham me matado, já não vai mais aparecer, vou 'panhar as coisas dela. Aí 'panhou um bocado de coisas lá. Primeiro foram os passarinhos, ainda bem, que os passarinhos citados iam morrer de fome. Tinham 3 ou 4 gaiolas de curió lá em casa, passarinho cantador bom a bessa, mas alguém carregou com gaiola com tudo. Mas as galinhas o vizinho aconselhou a ela que vendesse, a vizinha mora que vendesse e fosse p'ra norte. Porque ela ficou 10 dias sem comer. Ficou quase louca porque não sabia o que tinha acontecido. E as crianças quem 'tava tomando conta já eram os vizinhos, os filhos dela. Daí quando eu cheguei ela não estava mais (...). Aí no dia que eu cheguei meu filho não sabia que eu tinha ido presa, o que morava em Macaio, que é o Edson. Não sabia que eu ido presa e eu tinha saído naquele instante. Quando eu cheguei, lá em casa fechado, fui lá na casa dum menino que dormia lá em casa que era também junto da casa da minha mora. Fui lá ver se ela estava. Aí não tinha ninguém, 'tava fechado. Cheguei na casa do vizinho: — Nada, ela saiu, foi embora. Aí foi que contou que vendeu galinha, que fez isso, que fez aquilo. Aí disse assim: — As suas coisas estão "tudo" aí na casa da vizinha. Entra lá pergunta, pede, que tá quase tudo lá. Aí eu cheguei lá, quando ela viu que eu cheguei, chegou a mudar de cor "né"? Mas eu fingi que não entendi nada. Aí eu tinha dado 35 mil cruzeiros a ela quando passei, que eu 'tava com uma criança de 2 meses, a minha netá, de 3 meses, acho que era de 3 meses (...). →

14

Fita 5 — Bado A

5 (cont) Si entreguei a ela e já entreguei com o dinheiro e ali era em frente a outra, a mãe da criança. P'ra ela ver o quê que ia acontecer ali, p'ra ver como é que ficava. Bem, a polícia foi embora, deixou ela e ela devolveu a criança e os 30 cruzeiros, devolveu 30, ficou com 5. Si ela foi embora né, quando eu voltei que não encontrei ninguém e chegou o Edson, eu mandei o Edson lá na casa dela. Dei o dinheiro de passagem e pedi o ele p'ra ir na casa dela, que ele morava em Maciós em Alagoas (...) e a mãe dele onde eu ia encontrar a minha nora era em Alagoas em Porto Calvo, Porto Calvo. Si eu pedi ao Edinho p'ra avisar a ela que eu já tinha saído "né"? Que eu não ia lá porque eu estava com medo, mas que eu já tinha saído e que não tinha ouvido nada com a gente, p'ra ela ficar sossegada, né"? Que ela 'tava em Maciós e o marido 'tava sumido que era o meu filho. Meu filho (...) foi pro Rio. Os companheiros, os vizinhos gostavam muito dele arrumaram dinheiro, 'tava lá mas em outro lugar. Si ele 'tava aqui no Rio sim. Ele veio aqui para o Rio primeiro, depois voltou p'ra 'panhar ela'. Então ele veio aqui para o Rio e ela foi pra Porto Calvo. Não, ele primeiro foi p'ra (...) São Bento, praia de São Bento e ela foi pra Porto Calvo. Lá se encontraram através da velha, que a velha conhecia, sabia onde ele estava que era irmão dela. E dali ele conseguiu ir para o Rio e ela ficou em Porto Calvo. Quando o Edinho foi levar o recado (...) ele ainda estava por lá. Quando eu fui lá é que ele já tinha saído, não vi mais ele. Ele já tinha ido para o Rio, o Cosme, já tinha vindo aqui para o Rio. E ela ficou em Porto Calvo e eu fiquei em Recife. Depois ela voltou pra Recife e aí a gente começou a visitar o Zé, onde ele estava. Que ele já não 'tava na Ordem Política Social, foi p'ra ilha de Itamaracá.

(15)

Fita 5 → todo A

J (cont) E ela veio novamente morar comigo e a gente ia visitar (...) o José. Ai num período desses ela voltou p'ra casa da mãe em Porto Calvo, eu fiquei sozinho novamente. Ai o Cosme apareceu lá em casa p'ra 'panhar ela. Eu disse: - Ela não está aqui. Ela está em Porto Calvo. E agora, como é que a gente faz? E aí vai daqui, vai dali. Tinha alguém que sempre dava uma ajuda a gente, financeiramente. O meu filho escrevia p'ra aqui, meus filhos. E eles arranjavam aqui uma ajuda que o partido mandava p'ra mim, até o José sair da cadeia (...) p'ra ver como é que ia aqui a vida.

M

INTERRUPÇÃO INALDIÍVEL, LONGE DO GRAVADOR.

J

(cont) Não! Depois que (...) nós saímos do DOE, ele não apareceu mais. Nem ele, eu saí com 35 dias, 32 dias e ele saiu com 2 anos, mas não fizeram mais nada com ele não. Foi só ali no DOE. (...) Quando ele veio p'ra 'panhar a (...) mulher, ela estava em Porto Calvo. Ai eu tive que ir com ele lá em Maciós, passar em Maciós, passar em Porto Calvo. Que eu não tinha confiança de ele ir e ficar pelo meio do caminho preso e eu não saber de nada e não saber explicar. Ai eu fui junto com ele p'ra o que acontecesse eu estar presente. Até quando cheguei lá, ele aí 'panhou ela e foi embora, né? Passei uns 2 dias lá em Porto Calvo e eles se assumaram e vieram embora aqui para o Rio. E nós ficamos lá, José preso, eu visitando ele toda semana. A visita era toda semana, uma vez por semana aos sábados e eu ia p'ra lá. (...) Ai eu chamei o filho do vizinho da Hara que era nosso colega. Era uma pessoa que gostava muito da gente também, p'ra ir dormir lá em casa p'ra eu não dormir sozinho. Porque qualquer coisa... menino não vê as coisas, mas a gente não tem aquela ilusão de que aconteceu porque estava sozinho. Ele sei que eu fiquei com medo de barulho de carro que Deus me livre.

(16)

Fita 5 -> Bado A

5 (cont) Quando eu ouvia um barulho de carro, porque era difícil entrar carro ali só quando era algum socorro ou então quando era a polícia. Ai eu fiquei com um bocado de medo, um bocado assustada "né"? A gente fica muito assustada mesmo. Bem quando chegou uma etapa, já (...) quase no fim dos 2 anos. O José, (...) os presos políticos queriam uma reivindicação lá. Me parece que era banho de sol que nós estavam dando e mais alguma coisa, eles que faziam a comida deles. Eu sei que era uma reivindicação que eles iam fazer, que eles iam fazer uma greve de fome. Ai ele disse assim: - Olha Nereia, você faz o seguinte: você vai se você tem que ir ao Rio, você tem vontade de ir ao Rio que nós sabe como é que tá os amigos. Você faz o seguinte, você vai agora que nós vamos fazer uma greve de fome e é capaz de 'panhar as famílias dos presos políticos p'ro fazer pressão. Ai eu fui para o Rio "né"? Vim p'ra aqui para o Rio e ele ficou lá. De lá quando chego aqui, minha senhora, uma mulher inventa, lá uma colega da Nena, Nena 'tá metida num centro de macumba. E a mulher acha que viu nós sei quem morto...

FIM DA GRAVAÇÃO

(17)

Fita 5 → Lado B

M 25 de janeiro de 1993 - teste do lado B da 5ª fita de Josefa, das entrevistas de Josefa. Vamos lá Josefa!

J Bem, entã como eu estava falando, a colega da Nema ela dizia que era vidente. Entã ela estava vendo uma pessoa morta num caminhão.

INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO

M Pode falar.

J Morta num caminhão e ela dizia que era vidente, "né"? Eu não acreditava muito nessas coisas não. Porque tem gente que acredita nessas religiões, nessas coisas e fica meio... meio pancada da cabeça, sei lá. Entã, eu nunca me segurei em religiões nenhuma, eu coisa nenhuma ao ponto de ficar fanático, "tá"? Eu não sou fanática a nada. (...) Eu não sentia que estava acontecendo isso com ele não. Ela estava falando, entrava por um ouvido, saía pelo outro. Agora a minha filha, ela era muito sensível com isso. Ela ficava observando a minha fisionomia, eu não sentia nada de diferença, quer dizer, dava a impressão de que não estava acontecendo aquilo. Mas pela minha filha ser muito sensível, a gente pensou de como fazer pra mandar essa moça em... pra ir fazer uma visita a ele pra ver como é que estava essa história. Entã, a gente se reuniu e fez uma reunião. Eu dei uma parte do dinheiro que eu tinha, ela deu outra parte, meu enteadado deu outra parte (...) pra ela viajar pra Recife. Ela nunca tinha ido lá, nós ensinamos a ela como ir, como fazer. Ensinamos inclusive até um tipo de senha, porque o meu velho quando brincava com os netos dele ele chamava eles de cabilau. (...) Aí falamos com ela, se ele falasse alguma coisa pra se identificar comigo, que ela falasse que o cabilau mandou lembrança pra ele. Foi esse o recado que eu mandei, cabilau mandou lembrança para o senhor →

(18)

Fita 5 → Bordo B

J (cont) Lá ela foi. Nós ainda demos uma dica p'ra qualquer coisa que acontecesse ela passar em Maciá, que tinha uma tia da Nena, que era irmã da falecida mulher do José que morava lá. P'ra ela passar lá, dar notícia da gente, inclusive da Nena. E se alguma coisa que ela precisasse ela procurar com ela p'ra ver se ela ajudava. Bem, ela foi lá p'ra (...) Recife, conversou com ele. Ele ficou muito desconfiado com ela. Depois que eu fui embora, que conversei com ele, ele disse que pensou que ela era da polícia. E quando ela voltou ela disse p'ra gente que ele não ia durar muito tempo lá preso não. Que ele ia sair dentro de poucos dias. E nesse meio tempo, quando eu cheguei em Recife eu tive um sonho meio maroto que eu não sei o que é. Acho que a gente sonha de acordo com a situação mais ou menos que vive. Mas como a gente sonha muitas vezes com uma coisa que nunca pensou, nem nunca viu. Eu sonhei com uma viagem muito longa mas era de cidade acima, como quem ia p'ras nuvens. E que eu (...) tinha conversado com a minha nora e os meus 2 netos que a gente ia viajar junto e que eles causeram bastante que eles só iam ter comida daqui a 6 meses. E eu vi assim no meio da escada uma casinha assim do tamanho de uma caixa de fósforo e disse p'ra ela que aquilo era uma guarita onde a gente ia dar uma paradinha. Que (...) até ali nós já tínhamos uma ideia, mas dali p'ra frente a gente não sabia onde que ia parar. Uma besteira

M Por que que vocês todos resolveram ir pro Recife?

J --- Nós resolvemos ir p'ra Recife como político...

M Não. Você não falou que depois de você sua nora e seu filho...

J Não. Eu tô contando que eles foram nessa viagem que eu sonhei.

(19)

Fita 5 → Bodo B

M Ah!

J Entendeu? Que a gente tinha que fazer essa viagem junto. Lá como ela tinha dito que ele não ia demorar muito tempo. Eu cheguei lá, falei com ele. Mas eu não me lixei muito naquilo não, porque eu estava vendo as coisas meio difícil. O advogado era um bom advogado mas era um advogado anticomunista. (...) Quem me indicou para eu ir nesse advogado foi um político que também 'teve preso que era dirigente do partido em Recife. (...) Quando eu queria ir no advogado primeiro eu ia lá p'ro perguntar a ele como fazer, de acordo com o que ele falasse. (...) Esse Paulo ... era Paulo Lavalante, ele tinha ido preso também como preso político, junto com os políticos todos, inclusive eu. Só que eu não sabia quem 'tava lá, só fui saber quando nós saímos p'ra Ordem Política Social. E de lá ...

M Do DOE COD vocês foram p'ra lá?

J Do DOE COD nós fomos p'ra lá. De lá alguns foram soltos. Inclusive tinha uma "senhora" no nosso meio que foi solta.

M Tinha muitas mulheres?

J Olha, tive várias mulheres. Eu não sei quantas porque as salas eram separadas. Mas eu me lembro que tinha uma moça, até se não me engano, de ... não sei se era de José Pessoa, que tinha ido preso lá em Recife.

M E também comunista?

J Comunista. Era uma professora, todo mundo conhecia ela. E ela saiu dali cedo, porque eu não vi mais. Até a data de eu sair dali eu não vi mais.

(20)

Fita 5 → Bado 3

M Quanto tempo você ficou mesmo?

J Foi, 24 dias no DOE e mais uns 5 ou 6 dias na Ordem Política Social. Foi 32 dias que eu passei preso, de tudo.

M (...) Qual a diferença que você sentia do DOE CD para a Ordem Política Social?

J Bem, na Ordem Social eu passei e não sei mais fudido da "né"? Passei e não sei mais guerra de nervos. Ninguém, nenhum de nós passou mais pela guerra de nervos, ninguém mais apertou. Quer dizer, tinha uma diferença, só que eu estava muito mal, mas muito mal mesmo dos nervos. Porque quando a gente saiu do DOE CD eles fazem uma rede assim quando a gente vai p'ra muito longe, muita gente, muita coisa. E eu estava sentada de costas e eu não posso sentar de costas. Tem ôni-bus aqui no Rio que tem umas cadeiras de costas, eu não sento numa cadeira daquelas, pq. eu fico tonta. Então, fiquei à ponto de quase vomitar dentro da tal de Kombi. Mas...

M Era uma Kombi?

J Era uma Kombi. A gente ficava lá dentro, assim trancado lá atrás e não via nada e rodeando aquele tipo e eu passei muito mal. Quando cheguei do DOE na Ordem Pol. Soc. eu passei um bocado de dias sem dormir. Principalmente os primeiros 2 dias, eu não podia nem deitar, porque tinha uma tonteira me sentava na cama, chorava muito porque eu estava passando muito mal, uma espécie de uma depressão. Só foi preciso com 2 dias depois, essa "senhaura" que estava comigo, táva presa também, falou com a polícia.

→

(24)

Fita 5 - Lado B

J (cont) É o polícia que foi um comprimido num dia, um comprimido no outro dia e noite. Um numa noite, outro na outra. Que era p'ra acalmar, p'ra não poder dormir. Daí eu diante eu comecei a dormir um pouco. Depois essa velha foi embora, e antes de ela ir a filha dela comprou ...

M Ela era presa política também?

J (...) Ela não era presa política. Ela era presa porque alugou a casa a um comunista, porque ela não ia saber se o cara era comunista, mas alugou. É quando foi presa, ela foi solta também por causa disso. Então, (...) o nome do remédio era fegostil. A filha levou quando sabe que ela estava na Ordem Pol. Sec., levou esse tipo de remédio que ela tomava sempre. Ai quando ele saiu ela deixou esse remédio p'ra mim. Eu não podia mais a polícia não, eu tomava aquele. Fiquei na prisão e tomava um comprimido daqueles por noite. Bem, então quando eu saí da cadeia eu procurei, eu fui me falar com esse Paulo Cavalcante, que ...

M Fala uma coisa ainda. Na prisão nesses dias que você ficou no DOE COD você não foi torturada, só psicologicamente.

J (...)

M Bateram?

J Ele me deu um soco na barriga. Só que não foi muito grande eu acho porque eu era muito magra. Eu 'tava muito magra, muito maltratada e aquilo não machucou. Por isso que eu sei que não foi um soco grande. É ele disse mesmo, que se ele desse um soco em mim que eu ia virar pelo outro lado →

(22)

Fita 5 → lado B

J (cont) Se ele desse o soco que ele tinha vontade de dar. Mas ele botava ... 'Cê sabe que até hoje ...

M Brincadeira, né?!

J Ele me botava em pé numa ... , sabe essas latínhas de ervilha ... , 2 latínhas dessa. Olha, hoje se você olha p'ra minha mão escurecido ou tendo alguma coisa, você vê que eu tremo a mão, eu tremo a fala. Que dizer, já sou assim desde nova, só que quanto mais tempo vai passando, vai piorando. Então, com o nervoso que eu estava ali eu tremia a bexa em cima daquelas tábuas. E eles me botavam sem roupa.

M Tábuas?

J Me botavam sem roupa.

M 'Pera aí, só um minutinho. Te mandavam ficar em cima daquelas ...

J Em cima daquelas latas p'ra fazer o interrogatório, eu em pé em cima daquelas 2 latas, entendem?

M Ah!

J Então, eu ficava tremendo ali p' o nervoso. E aquilo ali acho que também fazia parte da guerra de nervos. Ele uma vez me deu um soco, mas das outras vezes só fazia perguntas. Que que foi isso, que que foi aquilo, qual foi a reunião, tinha quantas pessoas, essas coisas. Perguntas sobre política, né? Eu disse que não era comunista. Eu fiquei com medo de que se eu dissesse que era comunista tu que dar nome de outras pessoas que eu não conhecia, que eu não sabia, dali em Recife. Então, eu disse que não era. (...)

(23)

Fita 5 → Lado B

M E eles tiravam a sua roupa p'ra quê?

J Tiravam a roupa p'ra dar seco, pra dar seco. (...) Ah, nessa época eu 'tava menstruada. Ele perguntou se eu estava menstruada. Isso você imagina que p'ra uma pessoa do campo, criada do jeito que eu fui criada, p'ra responder essas coisas minha cara caía no chão. Era a maior vergonha do mundo. Então, ...

M (...)

J Sem roupa, "tá"? Eu nunca nem disse isso pro meu marido. Fiquei com vergonha de falar com ele. Mas ele fez isso. Então, (...)

M Mas ele nunca te agrediu sexualmente?

J Não.

M Só assim p'ra apunhar?

J Graças a Deus eu era velha. Se eu fosse nova tinha entrado bem. Eu tinha um preso político que a gente 'tava com ele na ilha de Ilha Maracá, depois quando o meu marido 'tava preso (...)

M 'Cê lembra o nome dele?

J Não?

M O nome dele?

J Não. O meu marido, o José, quando estava preso, eu descobri esse comunista que eu não sei mais o nome dele. Parece que era de Pernambuco, mas eu não tenho certeza. Mas ele não tinha fisionomia de pernambucano, mas me pareceu que era de Pernambuco. A mulher dele foi presa também, e ela foi ... agrediram ela sexualmente e ela pegou um filho de um daqueles que usou ela, que eu não sei quem foi. →

(24)

Fita 5 → Bado B

J (cont) Mas ela ficou com tanta vergonha que se suicidou dentro da cadeia. Então, esse companheiro falou comigo isso, que a mulher dele tinha se suicidado dentro da cadeia porque tinha ficado grávida de um daqueles torturadores. Que eu não sei se foi ali mesmo no DOE COB, não sei onde foi. Eu sei que foi em prisão política, e foi naquela mesma. Então, (...) quando a gente foi p'ro Indem Pol. Soc., que eu sou, eu fui me falar com Paulo, com esse Paulo. Lá eu tomava informações sobre como arrumar advogado, ele me indicou um advogado, era um advogado muito bom. Então, teve uma época que eu até pensei que no final, pensei que o meu marido não fosse sair naquele dia. Naquele último interrogatório que eles faziam. Eu achei que ele não ia falar e que ele não ia sair naquele dia porque dia só...

M Quando vocês foram presos, vocês foram presos juntos, né?!

J Foram no mesmo dia, mas não foram juntos.

M Vocês não foram pro mesmo lugar não?

J Mesmo lugar. Ele ficou na frente e eu atrás (...)

M Torturaram ele na sua frente?

J Não torturaram na frente porque não tinham condições. Depois eles mudaram a minha cela, eu saí do frente dele, fui p'ra outra. Ele ficou de meu lado, eu fiquei do outro. E a gente distante...

M Por que que eles te soltaram depois de um mês?

→

(25)

Fita 5 → Bado B

J Porque certamente não viu nada político em mim (...). Então, esse advogado, no último dia do julgamento eu fui lá na casa do Dr. Paulo, aí ele disse assim: — Pensei vai ter um julgamento hoje às 2 hrs da tarde. Eu disse: — É mesmo. — É. Digo: — Então, eu vou lá no advogado. Quando cheguei lá no advogado, o advogado disse que não ia, que não era naquele dia. Eu debati com ele, debati, debati e disse: — Telefonei pro Dr. Paulo. Eu não quis dizer que eu tirei no Dr. Paulo, mas depois eu disse: — Eu tirei no Dr. Paulo e o Dr. Paulo disse que vai ser hoje às 2 horas. Eu peço pelo amor de Deus que o Sr. vá. Ele não ia, entendeu. Talvez fosse o mundo do governo, era anti-comunista. Aí eu forcei a barra, disse que eu já tinha ido no Dr. Paulo, Dr. Paulo disse que era hoje. — O Sr. pelo amor de Deus o Sr. vá. Eu não vou, mas vou ficar aqui esperando o Sr. Só vou sair da sua casa quando o Sr. voltar com a resposta. E assim eu fiz. Ele de lá foi, disse que não sabia de nada, que não sei o que. Mas quando eu falei no Dr. Paulo. Disse: — Telefonei pro Dr. Paulo que ele lhe informaria tudo direitinho. Aí ele foi. Quando ele voltou, ele voltou com a notícia de que ele tinha sido solto since eu bobeio, você já pensou se eu bobeio e não vou na casa dele? Ele não ia ao depoimento e ficava p'ra sabe Deus quando, entendeu? Quer dizer eu tinha que tá também de olho vivo. Com um olho em Deus e outro no Demônio. →

(26)

Fita 5 → lado B

M: Ai ele foi solto?

J: Foi solto, eu ainda fui dali na ilha de Itamaracá. Lá eles não me informaram nada, disse que ele não ia sair naquele dia, mesmo que ele fosse solto porque precisava do alvará. Eu voltei pra casa, cheguei tarde, fui na casa do vizinho, chamei o garoto que dormia comigo pra ele ir pra lá pra gente sair no outro dia cedo. Fui fazer comida porque aí já passava o dia porque ele não estava solto. Fiz comida, quando terminei já era tarde da noite. Ai fui me deitar, quando acabei de me deitar bateram na porta. Quando bataram na porta eu perguntei: - Quem é? Era o Zé Pereira que tinha chegado. Era uma colega que tinha lá, que também tinha alguém dela que foi preso político, ela tinha sido fiadora e ia casa com ...

M: Mas veio cá, você não estava lá presa, quem estava era ele "né"?

J: Ele estava na Ilha de Itamaracá. E eu já não morava em Recife 7 anos?

M: Ah!

J: Eu morei em Recife 7 anos. (...) Eu fui pra lá em 69 (...)

M: Mas é porque eu fiz uma confusão, porque tinha mandado uma amiga lá ...

J: Pois é, a amiga era daqui do Rio, pra ver esse caso da morte que ela estava vendo. Se era ele por causa da greve de fome.

(34)

Fita 5 → Bodo B

J (cont) Quando chegou lá que não era ele, eu me esqueci e fui embora com uns 15 dias depois, não lembro mais, p'ra Recife novamente.

M Ah!

J Entendeu? Fui p'ra Recife é claro. E a moça...

M Agora "lá" claro. Porque ele já tinha vindo p'ra cá fugindo.

J Não. Eu vim p'ra cá por causa desse negócio da greve do fone que ele pediu que eu viesse. Se fosse o caso de eu querer vir ao Rio. Porque eles podiam pegar as famílias e eu era uma das famílias.

M (...) te mandando sair fora.

J É saiu disso. A quando eu cheguei aqui, que vi esse negócio da mulher que a mulher falou...

M E como tá tudo calmo você pôde voltar.

J É! justamente, aí voltei. Quando eu voltei ele me avisou que ele ia passar poucos dias.

M (...)

J Como de fato passou poucos dias mesmo.

M Nesse período você viveu do dinheiro só do partido?

J Só do partido justamente.

M (...)

J Daqui ia p'ra lá. Depois eu soube que a pessoa daqui tinha ido presa. A pessoa que me mandava o dinheiro. Aí eu fui com o Paulo, contei a situação. Aí ele passou a me ajudar do próprio bolso dele, começou a me dar uma ajuda financeira.

M E quando Peneza foi solto continuaram a dar ajuda?

(28)

Fita 5 → Bolo B

5 Olho, quando foi solto, continuou sim. Mas ele demorou muito pouco lá, poucos dias. Porque depois nós tínhamos uma Rural e a polícia não entregou a Rural. Quando o José foi solto o juiz disse que entregassem a Rural. Ai eles com uns poucos dias que o José foi solto, eles foram lá na porta da agência dizer que fossem reconhecer o carro. Ai o José disse p'ra mim: - Ai tem coisa! Disse: - Vamos todo mundo. Ai fui eu, ele e uma netinha de 3 anos que eu 'tava com ela. Chegaram a dizer que levariam a gente de carro depois trazer de volta. Ai nós quando chegamos lá, o que ele mostrou do carro foi um monóculo, com uma piranha em cima e perguntou: - É esse o carro de vocês? Eu olhei a chapa e disse: - É esse mesmo. Mas foi um monóculo não foi o carro que eles mostravam. Ai disse: - Pode ir embora. Ai já não podia mais trazer. Ai aumentou o negócio na nossa cabeça de que tinha um plano qualquer contra a gente. Ai a gente foi pro ponto do ônibus que era longe. Eu 'tava até de choro do feito que a gente 'tava dentro de casa a gente veio, porque eles disseram que iam trazer de volta. Ai quando nós chegamos (...) já perto do fim, tinha um ponto de taxi, já de volta. José disse assim: - Vamos saltar aqui e pegar um taxi. Ai a gente saltou e 'panhou o taxi. Quando nós chegamos na nossa porta aqui, o carro parou. Veio 2 carros da polícia e parou junto com a gente. →

(29)

Fita 5 → Lado B

J (cont) Ai eles abriram a porta, a gente também abriu a porta do taxi, saímos com a menina no colo, deu boa noite não escutou, eles responderam eu escutei porque eles responderam bruto. E dali mesmo eles fizeram a volta e foram embora. Quer dizer, era um bloco no que eles tinham p'ra matar a gente dentro do mato. Se a gente vinha de ônibus, quando saltasse do ônibus pudava ficar uma hora por dentro do mato até sair no loteamento onde a gente morava, ali ia ser a casa da gente morar, entendem? 3 pessoas, eu, a minha mãe...

M Mas quando vocês chegaram eles viram vocês chegando?

J Eles chegaram junto com a gente. Eles vinham p'ra ali p'ra ir p'ra meio do mato. Deixaram o carro ali e iam p'ra meio do mato. Quando a gente passasse, pau! Quem foi? Ninguém, entendem? Ai eu falei com o José. Quando a gente viu isso, quem notou o plano eu disse: "I foi você não vai ficar aqui não, vai embora, diga que eu fico, você vai embora". Ele não ficou com documento nenhum, pegaram os documentos dele. Ele foi p'ra Hércio tirar os documentos. Graças a Deus ele encontrou gente conhecida lá. Deu que em 24 hrs ele tirou os documentos todos.

M Quanto tempo ele ficou lá?

J Deu-te ficado uns 2 dias. Foi só tirar os documentos e ir para o Rio. E eu fiquei lá até vender o terreno. →

(30)

Fita 5 → Bado B

J (cont) Porque o trato era p'ra quando nasce, vender o terreno e entregar o dinheiro a alguém do partido. Aí eu entreguei ao Dr. Paul. E viveu embora depois. Ainda deu tu passado mais de 1 mês lá.

M E os seus filhos, o quê que achavam disso tudo?

J Os meus filhos, sempre todos eles, ...

M Não entendiam nada?

J Não entendiam nada. Sempre todos eles foram medrosos com política porque sempre teve a pressa, "né"? Se via a pressa do despejo era porque a gente era comunista, se via não sei o quê é porque é comunista, se via emprego era porque era comunista. Então, eles não quiseram saber de política nenhuma. Nenhum dos 2.

M Então eles tinham uma certa raiva (...)

J Eles não tinham raiva da gente, não.

M Mas eles não gostavam da participação política?

J Não. Claro que eles não gostavam devido ao sofrimento que eles viam a gente passar. Diziam que a gente tá fazendo um trabalho em vão aqui. De quê que adianta lutar, tá sofrendo desse jeito. Falavam essas coisas, mas aí a gente passava a poléstia p'ra eles, porque que a gente fazia aquilo. E muitos já tinham feito o mesmo e graças a esses movimentos antigos que a gente já podia tá fazendo alguma coisa. (...) E que algumas reivindicações não vinham de mais beijada que era luta que alguém fez embora tenha morrido. →

(31)

F. Itá 5 → Bado B

J (cont) É que toda luta tem os mártires. É era isso que a gente...

M O que que o Puroza, durante a prisão dele, o que que ele falava p'ra você. Quei que aconteceu com ele lá, você conhece?

J Bem, lá ele ficou mais ou menos na Ilha de Itamaracá. Não teve mais pressão não. A pressão era assim dar pouco banho de sol ou não querer dar banho de sol, faltar o banho de sol. No começo, a comida parece que era ruim, não sei como é que foi. Eles fizeram uma reunião ali que as famílias levassem a comida p'ra eles prepararem lá. P'ra eles prepararem, que eles não 'taram preparando. Mas se levava, uns davam uma caixa de amarelo, uma caixa de chuchu, caixa não sei de quê. Eusei que eu não levava nada. Quando eu ia no sábado eu levava o almoço feito p'ra mim e p'ra ele. Já levava marmite pronta p'ra mim e p'ra ele. E tinha uma etapa que eles dividiam o trabalho que tinha que fazer na rua p'ra levar p'ra lá. O que eu ajudei muito foi assim fazer compras de couro, de tinta, de plástico, p'ra eles fazerem trabalhos manuais. Aí era por semana ou por quinquena. Cada quinquena uma pessoa passava o teu aquela tarefa. Aí quando chegava a minha vez eu ia comprar aqueles couros de fazer bolsa.

M Quem articulava tudo isso?

(32)

Fita 5 - Bado B

J Era ele e os reunidos. Os próprios presos políticos reunidos.

M E eles faziam artesanato?

J Faziam. Tinha cada trabalho lindo. Olha, eles faziam quadros, que eu ainda trouxe alguns né? P'ra cá p'ro caso do Dr. Paulo, me parece que tinha um conhecido, sei lá como é que era. Que era feito com linha. Era um quadro formado de verde escuro ou preto, de preferência preto com a linha branca, com umas bolinhas com o cabeço redondo. E eles faziam desenhos bonitos ali com aquela linha. Era um trabalho caríssimo. Fazia bolsa com um negócio que parece que chama pirogravura, que unche ali com umas coíras ali com o fogo, sei lá, nas bolsinhas p'ra vender. Faziam canetas. Meu mundo aprendeu a fazer caneta coberta de plástico, essas canetas de plástico com o nome da pessoa feito na própria linha. Aprender a fazer isso...

M E ele ficou quanto tempo mesmo?

J 2 anos

M 2 anos?

J Faltou poucos dias p'ra completar 2 anos.

M Gente! E no início as torturas eram muitas?

J No início foi 27 surras fora as outras coisas. Queimaduras de cigarro, de charuto, não sei de quê. Foi 27 surras.

23

Fita 5 → Roda B

J (cont) Ele passou na minha frente. Quando eu via a cara passar com ele com os olhos amarelos com um pau preto e as mãos pra trás assim. Eu já sabia que era a hora da tortura. A gente passava, quando ia p'ra tortura, num lugar quente, mas quente, rapaz! Era um fogão de lenha que 'tava sempre aceso. Toda vez que a gente passava ali a gente sentia a queimadura daquele lado, é que era do fogão a lenha.

M P'ra quê?

J Eu não sei. Aquilo faz parte da guerra de nervos né! A pessoa vê aquilo, acha que vai ser fogueira dentro do fogo. Só pode ser isso. Porque eles não faziam nada. Eu nunca vi eles fazendo nada ali. Eu não vi o fogão não, mas daí p'ra senti que era um fogão de lenha sim. Eu sei que...

M Ai depois ele foi p'ra Ordem Social ou ficou no DOE COD?

J Não, depois do DOE COD, que ele foi p'ra Ordem Pol. Sec. ele foi p'ra Ilha de Itamaracá. Os 2 anos foi na Ilha de Itamaracá.

M Ah! E lá era só prisão de presos políticos ou era mista?

J Não, tinha preso de tudo. Era mista. Só que a maioria eram só de políticos. Tinha uma seção só p'ra presos políticos (...)

M Só tinha homens (...)?

J Eu acho que tinha mulheres... Eu não lembro bem não. Eu não lembro se tinham mulheres presas.

(34)

Fita 5 → lado B

M: Esse ilhé fica perto da onde?

J: É no ilhé de Itamaracá. Tem esse lugar que tem o nome de ilhé de Itamaracá e a praia fica nesse ilhé. Eu me lembro que a gente passava — grande, enorme pra poder chegar.

M: Em que ano foi isso?

J: Foi... Ele foi preso de R\$3 a R\$5.

M: A época da linha dura, né?

J: É justamente. Foi uma coisa horrível. Eu sei que depois que ele veio pra casa. Eu fiquei lá, vendi, a... trabalho. Eu aluguei um único caso, fui pra casa que era do meu filho, aluguei um único caso pra poder pagar o terreno. Eu não tinha ajuda porque ele táva preso. Eu tinha que pagar aquele terreno. Justamente o aluguelzinho era o dinheiro da prestação, 40 cruzeiros. Que eu pagava por mês. Acabei de pagar o terreno, fui ao prefeito, registrei. Quando fui vender o terreno já táva no meu nome. É foi uma sorte. Porque Deus eu sempre tive... Eu acho que Deus ajuda quem ajuda na linha. Porque ele só, ele foi pra Pernambuco, pra vir aqui para o Rio e eu não sabia quando eu ia vender esse terreno. Foi Deus quando é que eu vou vender esse terreno. Com poucos dias a gente achou freques com poucos dias. É tanto é que foi uma ajuda

→

(35)

Fita 5 → lado B

J (Cont) Que quando foi em 76 eu voltei lá que eu fui buscar o Edson em Maciós, passei em Recife e mandei um recado p'ra uma pessoa se quisesse vender uma certa casa que daria'ia assombração e alguém devia vender. E eu quando fui buscar o Edson eu fiz isso. Foi primeiro em Recife, passei lá, depois fui pro Maciós. A...

M O Edson tinha ficado lá?

J O Edson tinha ficado em Maciós casado, com as filhas. Se sentiu abandonado, mandou uma carta e eu fui lá buscar ele. Lá eu passei lá, quando eu fui ver, eu fui to a casa da minha colega que era a vizinha do front. Lá tinha caído carro, o carro já tinha caído, o cerco todo derrubado, não tinha mais a garagem. Quer dizer, o que eu achei é que aquilo foi ajuda que o universo me deu, que o homem compra o terreno sem querer, entender? Tava lá jogado, nunca usou. Hoje eu não sei como é que tá. Porque não foi p'ra ele morar, não foi p'ra alugar, não foi pra nada, foi só pra...

M (...))

J Ele não tinha dinheiro, eu tinha que trazer o dinheiro. Então, eu tinha esse terreno em Maciós e fui p'ra lá p'ra vender o terreno, p'ra com o dinheiro do terreno trazer ele. Foi assim que ele voltou p'ra cá.

M Era difícil?

→

(38)

Fita 5 → Lado B

J (cont) tá era difícil. Eu tirei que dei o terreno de graça. O terreno por 1 mil cruzinos

M Pra pagar a passagem dele, da mulher dele...

J Pra pagar a passagem deles, pra comprar roupa pra eles que eles não tinham nada de bom que vir. Pra menina doente, cheia de afta na boca. Depois dentro do ônibus bateu uma cota para, saindo dentro do ônibus, ela veio com febre

M (...))

J Muito bom, foi uma coisa honrosa mas venceu. Tudo isso é assim com dificuldade. Mas eu terminei vencendo.

M Ai nesse Puro tá aqui no Rio?

J Tá estava aqui no Rio.

M Tava ele e quem mais?

J Bem, o meu filho tá estava aí o Cosme e os enteados...

M Tava todo mundo morando aonde?

J Tava todo mundo morando em São Gonçalo. Todo mundo em São Gonçalo

M Era aluguel?

J Ele tava num baraque que ele tinha emprestado ao Cosme até ele se empregar. Se empregar, depois começou a trabalhar, começou a pagar o aluguel, do baraque que era dele ali onde ele morava. (...) Chegamos em R\$ 5 e saímos de lá em R\$ 7

(37)

Fita 5 Lados

H Depois de tudo que vocês passaram, você ainda tinha coragem de participar de alguma coisa?

J Eu tenho um negócio em mim que eu só tenho medo das coisas no hora que eu vejo. Depois passa um tempinho eu esqueço aquilo tudo, aqueles medos tudo aquilo fica. Perdi aquilo tudo, aqueles medos. Eu sofri mesmo. Depois que eu sei eu fiquei com medo de carro que não podia sair ^{do carro} sozinho que achava que era a polícia que ia me pegar de novo. Fiquei ali um bom tempo. Depois foi indo foi indo isso passa. Depois que eu comecei a luta pra virar pra vender o terreno, fazer, pagar, já não sei ainda e ainda tu que passa pra trabalhar a mãe da Marc em Porto Calvo. Eu ainda fui em Porto Calvo, trouxe o velhinho pra lá. O Edson, O Exuma, aquelas coisas todas.

(FIM DA GRAVAÇÃO)